

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Gabriel Muller da Silva

**ANÁLISE DOS ASPECTOS LEGAIS E REGULADORES DO DIREITO
INTERNACIONAL DOS CONFLITOS ARMADOS PRESENTES NA
BATALHA DE VERDUN - 1916**

Resende
2020

Gabriel Muller da Silva

**ANÁLISE DOS ASPECTOS LEGAIS E REGULADORES DO DIREITO
INTERNACIONAL DOS CONFLITOS ARMADOS PRESENTES NA
BATALHA DE VERDUN - 1916**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Maj. Rogerio Gonçalves Botelho

Resende
2020

Gabriel Muller da Silva

**ANÁLISE DOS ASPECTOS LEGAIS E REGULADORES DO DIREITO
INTERNACIONAL DOS CONFLITOS ARMADOS PRESENTES NA
BATALHA DE VERDUN - 1916**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em _____ de _____ de 2020:

Banca Examinadora

Rogério Gonçalves Botelho, Maj.
(Presidente/Orientador)

Eder Aparecido Fernandes Marson, TC

Randal Magnani, Cel.

Resende
2020

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, que me guiou por este caminho, abrindo oportunidades para que hoje eu possa estar realizando meu sonho, tornar-me oficial do Exército Brasileiro e, também, aos meus pais por terem sempre me apoiado e me estimulado a nunca desistir de meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado à oportunidade de ter ingressado na AMAN e as forças para que eu nunca esmorecesse perante as dificuldades e que, deste modo, pudesse estar concluindo meu maior sonho, me tornar oficial do Exército Brasileiro.

Agradeço também a minha família, principalmente meus pais, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. Vocês são os principais responsáveis por hoje eu me sentir o homem mais feliz e realizado do mundo.

Ao meu orientador, por todo o esforço e dedicação em auxiliar-me no desenvolvimento deste trabalho. Abrindo mão de horários de lazer e descanso em prol deste trabalho e de minha formação. Sem seu auxílio, nada disso seria possível.

RESUMO

ANÁLISE DOS ASPECTOS LEGAIS E REGULADORES DO DIREITO INTERNACIONAL DOS CONFLITOS ARMADOS PRESENTES NA BATALHA DE VERDUN – 1916

AUTOR: Gabriel Müller da Silva
ORIENTADOR: Rogerio Gonçalves Botelho

A batalha de Verdun ficou conhecida como a representação do horror da Primeira Guerra Mundial (1914-18), mas são lembrados outros combates do conflito que mobilizou tropas de todos os continentes e deixou milhões de mortos na Europa: Primeira batalha do Marne (a leste de Paris), de 5 a 12 de setembro de 1914, Batalha dos Dardanelos (1915), nome do Estreito que dá acesso a Istambul e ao Mar Negro, fechado pela Turquia no início da guerra e, Batalha de Verdun (1916), considerada pelos franceses o símbolo da Grande Guerra, pela fúria do combate e o sofrimento dos soldados. Em 25 de fevereiro de 1916, a Alemanha inicia uma grande ofensiva ao norte de Verdun (leste de Paris). Em uma análise dos contextos históricos e em uma pesquisa em fontes escritas, a história da guerra demonstra que esta teve vários status de legalidade durante os séculos, iniciando-se em uma conjectura em que ir à guerra é um direito inerente aos Estados, e se findando em um cenário com normas proibitivas que regem com quase absolutismo o Direito Internacional. Nos últimos três séculos a ideia de que os conflitos armados entre nações não devem ser utilizados como instrumento de solução de conflitos ganhou força, dando espaço para a normatização e da proibição das guerras. O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre os principais aspectos legais e reguladores do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) presentes na Batalha de Verdun. A partir das informações obtidas, foi realizada uma análise desta batalha através da apreciação de literaturas que a abordam, a fim de identificar aspectos legais e reguladores do DICA que já estavam presentes na época e quais seriam considerados violações caso este conflito ocorresse na atualidade. Tal pesquisa mostra a importância do DICA para que não ocorram batalhas tão sangrentas e com tantos efeitos colaterais como ocorrido na Batalha de Verdun.

Palavras-chave: Verdun. Direito Internacional. Legalidade. Conflitos Armados.

ABSTRACT

ANALYSIS OF THE LEGAL AND REGULATORY ASPECTS OF INTERNATIONAL ARMED CONFLICT LAW PRESENT IN THE BATTLE OF VERDUN – 1916

AUTHOR: Gabriel Müller da Silva
ADVISOR: Rogerio Gonçalves Botelho

The battle of Verdun became known as the depiction of the horror of the First World War (1914-18), but other battles are remembered from the conflict that mobilized troops from all continents and left millions of people dead in Europe: First battle of the Marne (east of Paris), from 5 to 12 September 1914, Battle of the Dardanelles (1915), name of the Strait that gives access to Istanbul and the Black Sea, closed by Turkey at the beginning of the war and, Battle of Verdun (1916), considered by the French the symbol of the Great War, for the fury of the combat and the suffering of the soldiers. On February 25, 1916, Germany began a major offensive north of Verdun (east of Paris). In an analysis of historical contexts and in research in written sources, the history of war demonstrates that it has had several legal statuses over the centuries, beginning with a conjecture in which going to war is an inherent right of States, and ending in a scenario with prohibitive rules that almost internationally govern International Law. In the last three centuries, the idea that armed conflicts between nations should not be used as an instrument of conflict resolution has gained strength, giving space to the standardization and prohibition of wars. This paper aims to present a study on the main legal and regulatory aspects of International Armed Conflict Law (DICA) present in the Battle of Verdun. Based on the information obtained, an analysis of this battle was carried out through the appreciation of literature dealing with it, in order to identify legal and regulatory aspects of DICA that were already present at the time and which would be considered violations if this conflict occurred today. Such research shows the importance of DICA so that battles do not occur so bloody and with so many side effects as occurred in the Battle of Verdun.

Keywords: Verdun. International right. legality. Armed conflicts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - As disputas por território na África e na Ásia pelas potências imperialistas levou a Primeira Guerra Mundial	15
Figura 2 - Primeira Guerra Mundial - Guerra de Trincheiras.....	16
Figura 3 - Foto tirada segundos antes do assassinato do arquiduque Francisco Fernando - episódio que desencadeou o início da Primeira Guerra Mundial.....	17
Tabela 1 - Aliança Militar primeira Guerra Mundial	18
Figura 4 - O importante papel das mulheres na 1ª Guerra Mundial	20
Figura 5 - Batalha de Verdun	20
Figura 6 - Médaille de Verdun Colonel Bréban A declaração do general Nivelle On Ne Passe Pas! (Eles não passarão!) numa medalha francesa comemorativa da Batalha de Verdun.	21
Figura 7 - Gás mostarda Primeira Guerra Mundial	24
Figura 8 - A Morte Flamejante: O lança-Chamas	25
Figura 9 - General Phillipe Pentáin	29
Figura 10 - Histórias da 1ª Guerra Mundial - Verdun	30
Figura 11 - Ossário de Douaumont, Batalha de Verdun, a Primeira Guerra Mundial	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
DIH	Direito Internacional Humanitário
DICA	Direito Internacional dos Conflitos Armados
PUC - RJ	Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro
ONU	Organização das Nações Unidas
MD	Ministério da Defesa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	O PROBLEMA.....	11
1.2	OBJETIVOS	12
1.2.1	Objetivo Geral	12
1.2.2	Objetivos Específicos	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	PANORAMA DA ÉPOCA E SUAS TENSÕES	14
2.2	O INICIO DO CONFLITO ARMADO E SUAS CARACTERÍSTICAS	16
2.2.1	Características dos Combates da 1ª Guerra Mundial - Contexto Tático e Estratégico	18
2.2.2	A BATALHA DE VERDUN (Estratégias e Armamentos)	20
2.2.3	Análise da Batalha de Verdun (Táticas)	22
2.3	DIREITO INTERNACIONAL DOS CONFLITOS ARMADOS - ASPECTOS LEGAIS E REGULADORES	26
2.3.1	A Batalha de Verdun e a ausência do Direito Internacional do Conflito Armado	28
2.3.2	Análise dos princípios básicos do DICA contextualizado na Batalha de Verdun	32
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO	39
3.1	TIPO DE PESQUISA	39
3.2	MÉTODOS	39
3.2.1	Coleta bibliográfica e histórica	39
3.2.2	Coleta documental	39
4	CONCLUSÃO	40
4.1	A IMPORTÂNCIA DO DICA PARA OS CONFLITOS ATUAIS	40
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Wagener (2016) durante 300 dias de 1916, alemães e franceses se confrontaram com violência extraordinária, jamais presenciada por um ser humano às margens do Mosa, Tendo como consequência uma carnificina com centenas de milhares de mortos e sem sentido estratégico nem vencedores reais.

O som ensurdecido da artilharia pesada iniciada pela manhã, se estendeu por nove intermináveis horas onde os alemães dispararam armas de todos os calibres. O mundo nunca presenciou nada igual: mesmo um observador a 200 quilômetros de distância ainda se ouvia os canhões de Verdun. "**Tempestade de aço**" é como o escritor Ernst Jünger denominaria esse horror.

O dia 21 de fevereiro de 1916, iniciou-se a ofensiva que os alemães chamaram de "**Operação Tribunal**", não se pode considerar um dia normal de guerra. Os combates se estendiam por um ano e meio na Europa, mas a Batalha de Verdun viria a se tornar o símbolo mais sanguinário da Primeira Guerra Mundial (1914-18).

Segundo Wagener (2016), Verdun transformou-se num ponto de extrema concentração de violência em um espaço reduzido. As substâncias de combate empregadas deixaram a área devastada e contaminada por décadas, com certos trechos declarados **zone rouge** – zonas interditadas.

Portanto, essas foram algumas das marcas duradouras de uma destruição material e de carnificina humana que não rendeu mais que quatro quilômetros de terreno conquistado para os dois exércitos.

Visando a minimizar os efeitos decorrentes dos conflitos armados, o Direito Internacional é cada vez mais utilizado como forma de regulamentação de comportamento, seja em tempo de paz ou de guerra. Portanto, esse conjunto de regras e normas permitiu o surgimento de um ramo específico do Direito Internacional Público, o Direito Internacional Humanitário (DIH), também chamado de Direito da Guerra ou de Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA).

Porém, a questão foco desta pesquisa é, efetuar uma análise dos principais aspectos legais e reguladores do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) presentes na Batalha de Verdun, analisando o emprego das táticas de guerra e dos armamentos usados na Batalha.

Projetando a visão para os conflitos atuais, analisando a importância do DICA para que não ocorram práticas de guerra que levem a carnificinas como a Batalha de Verdun.

Este enfoque é a razão do estudo em questão, sendo o objetivo central desta monografia, onde foi traçado uma comparação das táticas de guerra e dos armamentos usados na Batalha de Verdun e as utilizadas atualmente, para que não ocorram práticas devastadoras como as observadas em Verdun.

1.1 O PROBLEMA

Segundo escreveu De Mattos (2014), no dia 28 de julho de 1914 teve início a Primeira Guerra Mundial, também denominada a Grande Guerra. Quatro anos depois, quando o conflito terminou, havia deixado para trás um terrível rastro de morte, destruição, genocídio e barbárie. As estatísticas são estarrecedoras - total das forças mobilizadas: 65 milhões de homens; combatentes mortos: 8,5 milhões; feridos: 21,2 milhões; prisioneiros e desaparecidos: 7,7 milhões; total de baixas: 37,4 milhões ou 57% das tropas. Isso sem contar as incontáveis atrocidades cometidas contra a população civil. A humilhação sofrida pela Alemanha lançou as sementes do nacional-socialismo e da Segunda Guerra Mundial, que eclodiu apenas duas décadas mais tarde.

Especialmente a Batalha de Verdun, descreveu Lyons (2000), ficou marcada pelo horror das suas condições de vida. A elevada concentração de combates numa área relativamente pequena destruiu o terreno, resultando em condições de vida terríveis para ambos os lados do conflito. A chuva e a constante destruição dos campos transformou o barro numa área cheia de lama, cheia de cadáveres e pedaços de corpos. Em algumas zonas, viam-se mais corpos e ossos no terreno do que a própria terra ou vegetação. Segundo Lyons (2000), as crateras provocadas pelas bombas ficavam cheias de lodo líquido, e eram tão escorregadias que se alguém lá caísse, ou lá se resguardasse, podia morrer afogado. As florestas ficaram reduzidas a pilhas de madeira devido aos constantes bombardeamentos e, em alguns casos, chegaram mesmo a desaparecer.

Muitas décadas se passaram até que a “arte da guerra” fosse aperfeiçoada de modo a se travar uma guerra mais próxima dos pressupostos do Direito dos Conflitos Armados no sentido não só de respeitar os direitos humanitários, mas também com o objetivo de reduzir ao máximo os efeitos colaterais decorrentes dos conflitos.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 **Objetivo Geral**

Foi realizada uma análise dos principais aspectos legais e reguladores do DICA presentes na batalha de Verdun, ocorrida entre 21 de fevereiro e 19 de dezembro de 1916.

1.2.2 **Objetivos Específicos**

Foram analisados os seguintes tópicos:

- aspectos legais e reguladores do DICA;
- O emprego das táticas de guerra e dos armamentos usados na Batalha de Verdun; e
- A importância do DICA para que não ocorram práticas de guerra que levem a carnificinas como a Batalha de Verdun.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

"Tão logo os canhões silenciaram em novembro de 1918, teve início a batalha a respeito das origens da Primeira Guerra Mundial. Governos ávidos por defender as decisões que tinham tomado no verão de 1914 publicaram compilações de documentos oficiais, editados de modo a apresentar suas ações sob a luz mais favorável possível, ao passo que historiadores de todos os países lançaram-se à tarefa de explicar as causas do conflito. A decisão dos vitoriosos de incluir no Tratado de Versalhes uma "cláusula de culpa" refletia a convicção, unânime em 1919, de que a Alemanha tinha sido responsável pela guerra." (SONDHAUS, 2011, p.17).

Para atender aos objetivos da pesquisa, este trabalho está assim organizado:

Introdução: Análise e exposição dos fatos que identificam a Batalha de Verdun como uma das mais violentas batalhas da Primeira Grande Guerra. Além da apresentação e definição da importância do Direito Internacional Humanitário como ferramenta para minimizar os efeitos decorrentes dos conflitos armados;

Desenvolvimento: Nesta etapa da pesquisa, primeiramente, é feita uma contextualização Histórica, para que sejam explicitadas as causas que levaram ao início das rivalidades. Para isso, foi realizado um panorama da época e suas tensões geopolíticas. Logo em seguida, foi realizado um estudo destacando as características dos combates e suas estratégias.

Além de:

- Causas da Batalha de Verdun;
- Análise da Batalha de Verdun;
- Direito Internacional dos Conflitos Armados;
- Direito Internacional dos Conflitos Armados presentes na Batalha de Verdun; nesta etapa foi realizada uma análise do conflito com o intuito de identificar os excessos nesta batalha.
- Análise dos princípios básicos do DICA presentes na Batalha de Verdun: nesta etapa procurou-se tecnicamente analisar os princípios básicos do DICA presentes ou ausentes na Batalha de Verdun.

Por fim, o capítulo 4 (quatro), Conclusão.

Nesta etapa conclui-se o que foi estabelecido no desenvolvimento da pesquisa, o problema a ser solucionado, apresentado nos objetivos gerais e objetivos específicos e hipóteses, os quais direcionaram todo o processo de estudo realizado.

Tomando-se por base a grandiosidade do campo de investigação e a ampla produção de conhecimentos sobre o assunto tratado, foi realizada uma pesquisa do tipo analítica explicativa. A construção da pesquisa levou em consideração a metodologia de fundamentação teórica.

2.1 PANORAMA DA ÉPOCA E SUAS TENSÕES

Segundo site Só História (2009), no início do século XX os principais países europeus foram atingidos e, atravessavam por vários problemas. Assim o século XIX havia deixado feridas difíceis de curar. Como exemplo destes problemas pode-se citar o descontentamento de alguns países com a partilha da Ásia e da África, ocorrida no final do século XIX. Por exemplo, Alemanha e Itália, haviam ficado de fora no processo neocolonial. Em contrapartida, França e Inglaterra podiam explorar diversas colônias, ricas em matérias-primas e com um grande mercado consumidor. Neste contexto, destaca-se a insatisfação da Itália e da Alemanha, que pode ser considerada uma das causas da Grande Guerra.

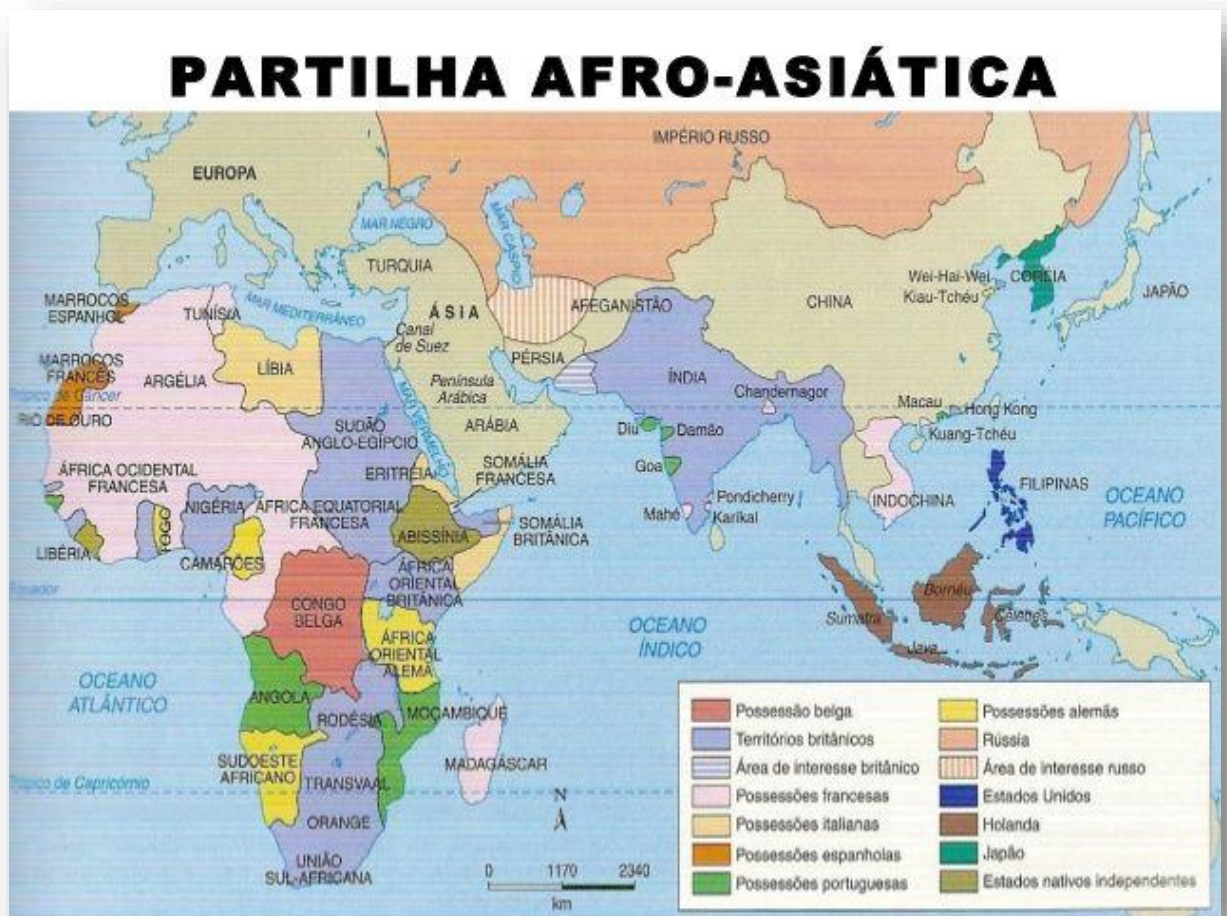
Já a professora de História da PUC-RJ, Bezerra (2018); acrescenta as antigas rivalidades entre França e Alemanha, Rússia e Alemanha, e Reino Unido e Alemanha. Também os desentendimentos quanto às questões de limite nas colônias gerados pela Conferência de Berlim (1880).

O historiador norte-americano Lafore (1971), caracterizou a Europa no período pré-guerra como um **“barril de pólvora” de tensões**, das quais a mais complicada era a ameaça sérvia ao Império Austro-Húngaro:

"Havia a Alsácia-Lorena: caso se iniciasse uma guerra entre Alemanha e França, esta só aceitaria a paz se a Alsácia-Lorena fosse devolvida [...] [e] a Alemanha jamais admitiria a perda das províncias. Havia a rivalidade naval anglo-germânica: declarada a guerra, a Grã-Bretanha não aceitaria a paz, a menos que a ameaça de uma marinha alemã poderosa fosse permanentemente extirpada. Havia Constantinopla: depois de deflagrada a guerra, o governo russo não aceitaria a paz antes de [...] satisfazer a ambição que há séculos tinha por Constantinopla. Havia o cerco à Alemanha: iniciada a guerra, o país só acataria [...] a paz se o cerco fosse rompido, o que implicava o esmagamento da França e da Rússia [...]. Mas [...] havia um problema inegociável e incontrolável, suscitado por ameaças à integridade do Império Austro-Húngaro. A composição da monarquia dos Habsburgos a deixava em posição mortalmente vulnerável às atividades dos sérvios; ao mesmo tempo, dificultava a eliminação dessas atividades por meio de ação rápida e resoluta [...]. Foi esse problema o causador daquela que veio a ser a Primeira Guerra Mundial."

(LAFORE, 1971, p.267-68).

Figura 1 - As disputas por território na África e na Ásia pelas potências imperialistas levou a Primeira Guerra Mundial



Fonte: SlideShare (2012)

Segundo a Prof^a Bezerra (2018), desde o final do século XIX, o mundo vivia em tensão. O extraordinário crescimento industrial possibilitou a Corrida Armamentista, ou seja, a produção de armas numa quantidade jamais imaginada.

Destaca-se também a grande rivalidade que existia entre as duas nações poderosas da época. Pois a França, durante a Guerra Franco Prussiana havia perdido, no final do século XIX, a região da Alsácia-Lorena para a Alemanha. Com isso, o clima de vingança francesa estava pairando no ar na época, pois os franceses estavam de certa forma, esperando uma oportunidade para retomar a rica região perdida.

Fischer (1975), notabilizou-se como o primeiro acadêmico alemão importante a atribuir à Alemanha a culpa pela eclosão da guerra, e também como estudioso socialista defensor da primazia das considerações internas nas decisões de política externa, particularmente as da Alemanha pré-guerra:

"O objetivo [alemão] era consolidar a posição das classes dominantes com uma bem-sucedida política externa imperialista; na verdade, esperava-se que uma guerra resolvesse as crescentes tensões sociais. Ao envolver as massas no grande conflito, as partes da nação que até então se mantinham apartadas seriam integradas ao Estado monárquico. Em 1912, em todo caso, a crise interna era evidente [...]. O dinamismo com que, aliada a componentes internos, a liderança imperial tinha iniciado em 1897 uma "política mundial" que vigorou sem interrupção até 1914, já que a esperança de então era de uma "Grande Alemanha" e a preservação do sistema conservador. As ilusões criadas em 1897 levaram às ilusões de 1914." (FISHER, 1975, p. 8-9).

Segundo artigo do site Só história (2009), o pan-germanismo e o pan-eslavismo foi um movimento político da época (séc. XIX) que influenciou e aumentou o estado de alerta na Europa. Esses movimentos defendiam a união dos povos germânicos, e o mesmo ocorria também com os países eslavos.

2.2 O INICIO DO CONFLITO ARMADO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Figura 2 - Primeira Guerra Mundial - Guerra de Trincheiras



Fonte: Só História (2009)

Segundo o artigo do site Só História (2009), a primeira guerra mundial teve como estopim do conflito o assassinato de Francisco Ferdinando, príncipe do império austro-húngaro, durante sua visita a Sarajevo (Bósnia-Herzegovina). Com a abertura das investigações, o autor do crime foi descoberto. Tratava-se de um jovem integrante de um grupo Sérvio chamado mão-negra, contrário a influência da Áustria-Hungria na região dos

Balcãs. No entanto, as medidas tomadas pela Sérvia com relação ao crime não agradou o império austro-húngaro e, no dia 28 de julho de 1914, declarou guerra a Servia.

Figura 3 - Foto tirada segundos antes do assassinato do arquiduque Francisco Fernando - episódio que desencadeou o início da Primeira Guerra Mundial



Fonte: (foto: AFP)

De acordo com o artigo Só História (2009), os países europeus começaram a formar alianças políticas e militares até o final do século XIX. Durante o conflito mundial estas alianças permaneceram ativas. De um lado havia a Tríplice Aliança constituída em 1882 por Itália, Império Austro-Húngaro e Alemanha; (a Itália passou para a outra aliança em 1915). Já no outro lado aparece a Tríplice Entente, formada em 1907, com a aliança de França, Rússia e* Reino Unido.

Tabela 1 - Aliança Militar primeira Guerra Mundial

Aliança Militar	Países Participantes				
Tríplice aliança	Alemanha	Império Austro-Húngaro	Império Otomano	Itália (mudou de lado em 1915)	Bulgária (entrou na guerra em 1915)
Tríplice Entente e aliados	França	Reino Unido	Império Russo	Itália (a partir de 1915)	Canadá
	Sérvia	EUA (a partir de 1917)	Bélgica	Japão	Austrália
	Nova Zelândia	Portugal	Reino da Romênia (a partir de 1916)	Brasil (a partir de 1917)	Reino de Montenegro
	Polônia	Cuba (aliança com os EUA)	Grécia (a partir de 1917)	África do Sul (colônia britânica)	



Fonte: Politize

2.2.1 Características dos Combates da 1ª Guerra Mundial - Contexto Tático e Estratégico

Segundo Morais (2018), a Primeira Guerra Mundial, então, desenrolou-se em dois grandes momentos: a guerra de movimento e a guerra de trincheiras.

a. Guerra de Movimento:

"Durante o primeiro estágio da guerra, as potências envolvidas ainda acreditavam que o conflito seria resolvido rapidamente. Na guerra de movimento, os países mobilizavam seus exércitos em direção às fronteiras.

Esse momento da Primeira Guerra Mundial durou até a Batalha de Marne, em setembro de 1914, confronto no qual tropas alemães, que buscavam continuar avançando sobre a França, foram interrompidas pelos franceses. Quatro dias depois do início da batalha, ajuda britânica chegou, reforçando a resistência ao avanço alemão. Acuada, as tropas da Alemanha buscaram saída em direção ao Oceano Atlântico, próximo ao Reino Unido, mas foram novamente impedidos de avançar, dessa vez pela Bélgica." (MORAIS, 2018).

Essa e outras batalhas da guerra de movimento também foram caracterizadas, segundo escreve Pâmela Morais, pelos altos custos materiais e muitas mortes. Como a tentativa de avanço das tropas era – além de cara – inútil, os países mudaram a estratégia.

b. Guerra de Trincheiras

"Como havia um equilíbrio de força entre as Tríplices Entente e Aliança no início da Primeira Guerra Mundial, os exércitos cavaram trincheiras de forma a manter terreno e aguardar a chance de atacar para conseguir avançar. O espaço entre as duas trincheiras inimigas era conhecido como “terra de ninguém” e qualquer um que pisasse ali tornava-se alvo de disparos de todos os lados. Essas valas tinham cerca de dois metros de profundidade e tornaram-se complexos onde soldados podiam descansar e feridos podiam receber atendimento médico. Em locais chuvosos, como nos terrenos da França e da Bélgica, a água acumulada nas trincheiras facilitava a transmissão de doenças. Além de ter que lidar com as más condições físicas dessas valas, os soldados também se viam em meio a uma guerra psicológica. Isso porque o combate não era constante. Na verdade, a maior parte da ação consistia em vigiar os movimentos inimigos." (MORAIS, 2018)

Antes dos soldados efetivamente avançarem sobre a “terra de ninguém”, aviões e canhões entravam em ação, atacando a fronteira inimiga. Armas químicas, apesar de proibidas, também eram amplamente usadas, como o gás de cloro e o gás mostarda. Só depois de todo esse ataque é que os exércitos procuravam avançar.

Segundo Morais (2018) esse estágio da Primeira Guerra Mundial durou até 1918. Estima-se que 400 km de trincheiras tenham sido cavados na frente de batalha ocidental. Esse front, que se estendia desde o Canal da Mancha (Bélgica) até a fronteira da Suíça tinha, ao todo, cerca de 645 km de extensão. Na figura abaixo é possível visualizar o posicionamento das trincheiras.

Como descrito por Bezerra (2018), no começo do conflito, as forças se equilibravam, em número de soldados, diferentes eram os equipamentos e os recursos.

Na descrição dos combates o artigo do site Só História (2009), afirma que as batalhas, se desenvolveram principalmente em trincheiras. Os militares combatentes permaneciam muitas vezes, centenas de dias entrincheirados, lutando pela conquista de pequenos pedaços de território. Existiam duas inimigas diárias, a fome e as doenças que também estes guerreiros tinham que enfrentar. Porém, nos combates houve a inserção de novas tecnologias bélicas como, por exemplo, tanques de guerra e aviões. Enquanto os homens lutavam nas trincheiras, as mulheres trabalhavam nas indústrias bélicas como empregadas.

Não se pode deixar de registrar a participação do Brasil, enviando para os campos de batalha enfermeiros e medicamentos para apoiar os países da Tríplice Entente.

Figura 4 - O importante papel das mulheres na 1ª Guerra Mundial

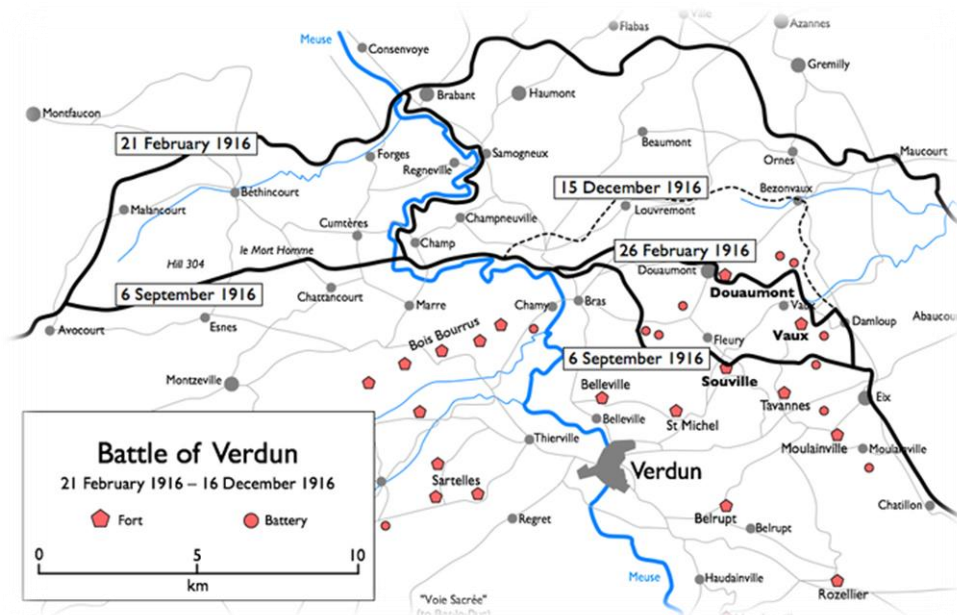


Fonte: Redação ODC (2018)

2.2.2 A BATALHA DE VERDUN (Estratégias e Armamentos)

Segundo Altman (2015), a Batalha de Verdun foi a mais longa das batalhas da Primeira Guerra Mundial e a segunda mais sangrenta depois da Batalha de Somme. Nela se enfrentaram os exércitos francês e alemão entre 21 de fevereiro e 19 de dezembro de 1916, nos arredores de Verdun, na região nordeste da França. Os resultados foram 250 mil mortos e cerca de meio milhão de feridos de ambos os lados, mais de 100 mil disparos de obus diários e nove povoados apagados do mapa para sempre. Uma batalha que refletiu como nenhuma outra a falta de sentido da guerra.

Figura 5 - Batalha de Verdun



Fonte: Wikipedia

Escreve Max Altman (2015) que o território de Verdun sempre tinha sido um lugar inexpugnável, desde Átila até a Guerra Franco-Prussiana. Em 1914 era um lugar simbólico e estava magnificamente fortificado.

Figura 6 - Médaille de Verdun Colonel Brébant A declaração do general Nivelle On Ne Passe Pas! (Eles não passarão!) numa medalha francesa comemorativa da Batalha de Verdun.



Fonte: Wikipedia

Para Max Altman (2015), depois que os alemães fracassaram em conseguir uma rápida vitória sobre a França, a luta no front ocidental se converteu numa guerra de trincheiras.

Segundo Ghirotto (2014), se a discussão atual sobre armas de guerra é permeada por questionamentos sobre os limiares éticos no uso dos drones e pela condenação do uso de armas químicas no conflito da Síria, há cem anos a humanidade começava a acompanhar o que seria o morticínio generalizado representado pela I Guerra Mundial. Onde as armas* químicas fizeram sua terrível estreia e onde teve início a busca por um avião que, controlado remotamente, pudesse espionar e atacar as fileiras inimigas.

Segundo o site Veja na História (2014), entre 1914 e 1918, foram 15 milhões de mortos, entre militares e civis. Esse foi o saldo aterrador do primeiro conflito moderno da História, no qual novas armas foram usadas antes que seu poder de destruição fosse conhecido, e equipamentos foram aprimorados, a partir das dificuldades enfrentadas no front. Foi assim que granadas que falhavam ao cair em poças de lama foram aperfeiçoadas. Ou que as submetralhadoras substituíram os modelos anteriores, que pesavam até sessenta quilos e exigiam até seis homens em sua operação.

Segue o artigo da Veja História (2014), nas primeiras semanas, os bombardeios sistemáticos provocaram consideráveis perdas humanas, assim como as metralhadoras, que levantavam muros de balas contra os que se atreviam a cruzar a terra de ninguém. Ambos os lados desenvolveram rapidamente uma artilharia pesada, com uma potência nunca antes vista.

Ghirotto (2014) escreve em seu artigo da Veja História: “Do ponto de vista militar, a principal lição tirada da guerra foi que as táticas de infantaria dos séculos XVIII e XIX eram fúteis”, destacou Bruce Canfield, autor do livro *U.S. Infantry Weapons of the First World War* (Armas de Infantaria dos Estados Unidos na I Guerra Mundial). “Ninguém tinha a experiência de lutar uma guerra desse tipo. Eles tiveram que aprender quando estavam sozinhos no combate. Muitos generais da I Guerra foram criticados por terem errado e sacrificado vidas, mas, honestamente, eles não tinham outras opções”, acrescentou o historiador Peter Simkins, da Universidade de Birmingham, na Inglaterra.

Segundo o site do jornal do Estado de Minas Internacional (2014), em sua matéria sobre as inovações da Primeira Guerra Mundial, aviões de combate, tanques, submarinos e gases tóxicos entraram em cena durante a Grande Guerra, em um trágico reflexo da corrida armamentista entre os países beligerantes de 1914 a 1918, na tentativa de dizimar o inimigo.

Segundo o professor Fernandes (2018), os principais gases usados na Primeira Guerra foram o gás de cloro, o gás mostarda e o gás fosgênio. Tanto os países-membros da Tríplice Aliança, como a Alemanha, quanto àqueles que compunham a Tríplice Entente, como a Inglaterra valeu-se do uso desses gases contra os seus adversários. Os gases eram disparados contra as trincheiras, onde ficavam os soldados que se protegiam da artilharia inimiga. Ao longo da guerra, várias formas de lançá-los foram empregadas. A principal era a produção de nuvens gasosas a favor do vento que ia em direção às trincheiras inimigas.

A SWI (2014) escreve que "Tempestade de aço" foi o título escolhido pelo escritor alemão Ernst Jünger para descrever o que os combatentes sofreram durante quatro anos, principalmente na frente ocidental, onde foram travadas as batalhas mais longas e sangrentas.

2.2.3 Análise da Batalha de Verdun (Táticas)

"O 5º Exército do príncipe herdeiro Guilherme, reforçado a incríveis 41 divisões (com 15 mais em reserva), liderou o ataque. O plano de batalha alemão previa um bombardeio de artilharia sem precedentes, reservando 3 milhões de projéteis para os primeiros 18 dias da batalha – um ritmo de fogo a ser sustentado por mais de 30 trens carregados de munições que chegavam ao setor a cada dia. Na manhã de 21 de fevereiro, começou o ataque, com mais de 800 canhões pesados, quase 400

canhões leves e 200 morteiros martelando um setor da frente de apenas 16 km de largura, antes do avanço inicial de dez divisões de infantaria."
(SONDHAUS, 2011, p.155).

Segundo o Tenente-Coronel Bernardino (2016), sabe-se pela pesquisa da história moderna, e isso é notória as afirmações, que as batalhas de Verdun e do Somme são apontadas como as duas batalhas mais importantes e significativas da Primeira Guerra Mundial na qual, foram praticamente dizimadas várias Divisões tanto do lado francês, quanto do lado alemão que se envolveram diretamente numa guerra de trincheiras, onde duas características marcantes de combate ganharam vantagem sobre a defesa de posição e a falta de mobilidade tática são elas: **movimento e o poder de fogo**.

Segundo infográfico, O Estadão (2014), a alta mortalidade se dava por uma conjunção de fatores, entre os quais a chamada “guerra de posições”. Essa estratégia, que duraria os quatro anos no front ocidental, explica Michael Bourlet, doutor em História, escritor e pesquisador das escolas militares de Saint-Cyr Coëtquidan, na França, era a forma encontrada pelos países invadidos de frear o avanço dos inimigos, custasse o que custasse. “Em 1914, os estados-maiores fundamentavam suas estratégias em uma guerra de movimento, rápida, que chegaria ao término de uma grande batalha decisiva”, (BOURLET, 2005?). Ambos os lados se dão conta, ao final da Batalha de Marne, em setembro de 1914, que a guerra será muito mais longa. E então os lados se deparam com uma guerra de posições.

Segundo Salvatore (2015), a estratégia visa levar o inimigo à exaustão e à derrota, mas o resultado é a paralisia do conflito. A alternativa, então, foi intensificar a partir de 1915 o desenvolvimento de novas tecnologias bélicas para infligir baixas em massa aos inimigos e tentar sair do impasse. Os bombardeios foram intensificados e todos os meios industriais passaram a ser empregados para matar. Assim nasceram a guerra química, o uso de tanques e os bombardeios aéreos.

Figura 7 - Gás mostarda Primeira Guerra Mundial



Fonte: Lane Mello 2019

Afirma Salvatore (2015) que essas novas tecnologias obrigaram generais e comandantes a testar métodos em pleno conflito, enviando centenas de soldados para missões impossíveis e letais, como a conquista de trincheiras bem guarnecidas e bem armadas ou de morros e colinas, pontos privilegiados para a visibilidade da artilharia. No exército britânico, um jargão se criou entre as tropas para descrever a situação: “Leões comandados por asnos”.

Sabe-se pela pesquisa da história moderna, e isso é notória a afirmação, que as batalhas de Verdun e do Somme são apontadas como as duas batalhas mais importantes e significativas da Primeira Guerra Mundial. (SALVATORE, 2015), Essas batalhas, que figuram no rol das mais violentas da história da humanidade, tinham em comum um elemento de base: o sofrimento humano descomunal. Um dos diagnósticos mais frequentes entre soldados era a sensação de perda da condição humana. Em 10 de julho de 1916, um ano e meio antes de sua morte no campo de batalha, o sargento francês Marc Boasson escreveu: *“Eu mudei terrivelmente. Não queria lhe contar nada da horrível fadiga que a guerra engendrou em mim, mas você me força. Eu me sinto esmagado, diminuído, (...) estou pobre e nu por causa das emoções desmesuradas, das experiências desproporcionais à*

resistência humana. Algo está dando errado, uma perda generalizada. Eu sou um homem esmagado”.

Figura 8 - A Morte Flamejante: O Lança-chamas



Fonte: firstworldwar.com (2018)

Segundo o Cel Simões (1916, p.337), "agrava-se mais se a análise for do resultado final da batalha, não houve de fato quaisquer consequências operacionais que ficassem refletidas na carta de situação operacional e no decurso das operações militares, nem qualquer evolução da situação político-estratégica vivida no centro da Europa."

"...A formidável luta em que desde 21 de fevereiro ultimo [1916] se têm empenhado alemães e franceses em volta do campo entrincheirado de Verdun, um dos mais sólidos pontos de apoio da linha de batalha do exercito do general Joffre, e em que o heroísmo dos atacantes tem correspondido não menos heroísmo dos defensores, constituirá, sem duvida, pela grandesa e importância da acção travada, pela extraordinária violência dos ataques e pelas espantosas perdas produzidas, um dos episódios mais notáveis desta grande guerra, uma das mais importantes batalhas da frente ocidental, isto daquela, em que, segundo todas as probabilidades, virá afinal a decidir-se a grandiosa luta europeia..."

(Coronel Luíz Henrique Pacheco Simões, In "Revista Militar" N° 6/Junho 1916, p. 337).

Segundo o Tenente-Coronel Bernardino (2004), portanto, é importante perguntar e perceber quais foram às razões que apontaram a esta situação? Quais os objetivos políticos, estratégicos e operacionais que explicam os motivos que conduziam à batalha de Verdun, quais seriam as principais considerações estratégicas e operacionais? Quais os principais erros

táticos cometidos? Quais as inovações táticas e técnicas que contribuíram para a solução da guerra de trincheiras, e ainda qual a importância do moral e do envolvimento nacional no desfecho destas batalhas? Mas talvez o mais importante: principais considerações estratégicas e operacionais? Quais os principais erros táticos cometidos? Quais as inovações táticas e técnicas que contribuíram para a solução da guerra de trincheiras, e ainda qual a importância do moral e do envolvimento nacional no desfecho destas batalhas? Mas, talvez, o mais importante será refletir sobre a influência, direta ou indireta, que os desenvolvimentos nesta batalha tiveram (ou poderiam ter tido) para a Guerra atual.

2.3 DIREITO INTERNACIONAL DOS CONFLITOS ARMADOS - ASPECTOS LEGAIS E REGULADORES

O desenvolvimento do direito internacional é um dos objetivos primários das Nações Unidas. Em seu Preâmbulo, a Carta das Nações Unidas define o objetivo de “estabelecer condições sob as quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional possam ser mantidos”.

Segundo o artigo da ONU (1999?), intitulado "A ONU e o Direito Internacional" o direito internacional define as responsabilidades legais dos Estados em sua conduta uns com os outros, e o tratamento dos indivíduos dentro das fronteiras do Estado. Seu domínio abrange uma ampla gama de questões de interesse internacional como os direitos humanos, o desarmamento, a criminalidade internacional, os refugiados, a migração, problemas de nacionalidade, o tratamento dos prisioneiros, o uso da força e **a conduta de guerra**, entre outros. Ele também regula os bens comuns globais, como o meio ambiente, o desenvolvimento sustentável, as águas internacionais, o espaço sideral, as comunicações e o comércio mundial.

“O Direito Internacional Humanitário é o conjunto de normas internacionais, de origem convencional ou consuetudinária, especificamente destinado a ser aplicado nos conflitos armados, internacionais ou não-internacionais, e que limita, por razões humanitárias, o direito das Partes em conflito de escolher livremente os métodos e os meios utilizados na guerra, ou que protege as pessoas e os bens afetados, ou que possam ser afetados pelo conflito.” (Christophe Swinarski, 1996)

Swirnarski (1996), por sua vez, traz a concepção de que há, dentro do direito humanitário, duas normas: uma que busca regular e limitar a escolha dos meios e métodos usados na guerra, e a outra que protege as vítimas dos conflitos armados, e aqueles que se encontram fora de combate. A existência destas normas, entretanto, não encerra o uso da força por nenhuma das partes, mas sim previne a ocorrência da violência e do caos excessivo.

Guerra se faz como qualquer conflito, disputa ou luta de interesses entre grupos em busca de derrotar o adversário para conquistar objetivos. Geralmente são utilizados armas e o maior número de indivíduos possíveis.

Segundo Silva (2002; p. 406) “Guerra pode ser definida como a contenda armada entre Estados, onde cada parte visa proteger seus interesses nacionais” (Apud BARRETO; 2007).

Dessa forma, ela é uma maneira do estado utilizar a soberania para impor sua vontade e submeter à outra parte as suas aspirações. Vale lembrar as duas expressões: Jus in Bello e Jus ad Bello.

Já o Jus ad Bellum é o direito à guerra, ou seja, é o direito de ir para a guerra quando esta é justa. Porém é facilmente percebido durante a história da humanidade que esta guerra justa raramente é realmente justa e equilibrada. Também percebe-se que geralmente estados entram em conflitos armados com intenções econômicas e políticas. Nessa situação, surge o direito internacional como um facilitador de entendimento entre as nações. Com a criação da Carta das Nações Unidas ocorreu à ideia de igualdade de direitos e deveres entre os povos.

Segundo Rezek (2005, p. 368), Jus in Bello “refere-se ao direito na guerra, ao conjunto de normas, primeiro costumeiras, depois convencionais, que floresceram no domínio das gentes quando a guerra era uma opção lícita para resolver conflitos entre Estados.” (apud BARRETO; 2007)

De acordo com D. Schindler (1979, p.131), “a existência de um conflito armado, na acepção do artigo 2º comum às Convenções de Genebra, pode ser sempre presumida quando facções das forças armadas de dois Estados confrontam-se. [...] Com qualquer emprego de armas entre dois Estados, as Convenções passam a vigorar”(Apud Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 2008, p.4) .

Enfim, segundo o manual de Emprego do Direito Internacional dos conflitos Armados (DICA) nas Forças Armadas (2011, p.13) “as constantes transformações do mundo conduzem análises das fronteiras internacionais sob novas e diferentes óticas de integração política, social, cultural, econômica e de defesa, acarretando alterações no padrão de relacionamento

dos povos”. Inserido nesse contexto, o Direito Internacional é cada vez mais utilizado como forma de regulamentação de comportamento, seja em tempo de paz ou de guerra. Assim, continua:

"Com a adoção desse conceito, os Estados procuram celebrar acordos internacionais, visando a minimizar os efeitos decorrentes dos conflitos armados, de forma a regulamentar e aprimorar a lei dos usos e costumes da guerra.

Esse conjunto de regras e normas permitiu o surgimento de um ramo específico do Direito Internacional Público, o Direito Internacional Humanitário (DIH), também chamado de Direito da Guerra ou de Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA)."

(Manual de Emprego do Direito Internacional dos conflitos Armados - DICA nas Forças Armadas, 1ª ed. MD, 2011, p.13).

2.3.1 A Batalha de Verdun e a ausência do Direito Internacional do Conflito Armado

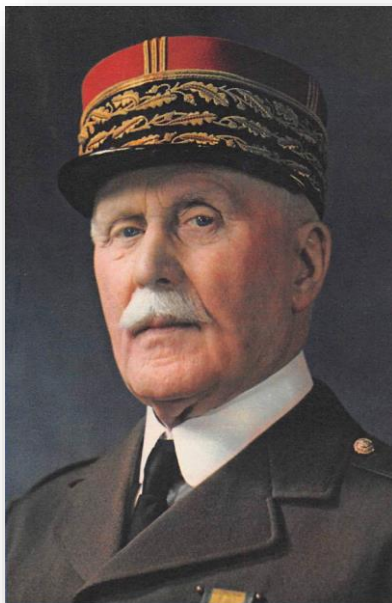
Um tenente francês em Verdun, morto por um projétil de artilharia, escreveu no seu diário a 23 de Maio de 1916:

"A Humanidade é louca. Tem de ser louca para fazer o que está a fazer. Que massacre! Que cenas de horror e carnificina! Não encontro palavras para exprimir as minhas emoções. O Inferno não deve ser tão mau. Os homens são loucos!"

The Price of Glory: Verdun 1916, Alistair Horne. Harmondsworth: Penguin Books, 1964, p. 236.

Segundo o Wikipedia a Batalha de Verdun terminou com uma vitória tática francesa, mas com perdas humanas muito altas para ambos os lados. O Alto Comando alemão fracassou na execução dos seus dois objetivos – capturar a cidade de Verdun e provocar um número muito elevado de baixas aos franceses; de fato, os alemães sofreram sensivelmente as mesmas baixas que os franceses. No final da batalha, em Dezembro de 1916, o 2º Exército francês expulsou as tropas alemãs que estavam à volta de Verdun, mas não totalmente para as posições iniciais de Fevereiro de 1916.

Figura 9 - General Phillipe Pentáin



Fonte: Wikipedia

As Potências Centrais - Alemanha e Áustria-Hungria – estavam combatendo em duas frentes em 1916: Rússia e Frente Ocidental. A sua estratégia passava por provocar mais baixas ao adversário do que aquelas que iriam sofrer. O Exército alemão conseguiu atingir este objetivo na Rússia entre 1914 e 1915. Para além deste resultado, também tinham que infligir tal número de vítimas ao Exército francês que este entraria em colapso. Para atingir este objectivo, o Exército francês tinha que ser levado a uma situação da qual não podia escapar por razões estratégicas e de orgulho nacional. Os alemães também contavam com a sua artilharia pesada e superpesada para causar baixas mais duras do que a artilharia francesa, mais fraca, de 75 mm.

Segundo o Wikipedia (2009), na realidade, o objetivo alemão de infligir muitas baixas ao Exército francês em Verdun nunca foi atingido. As baixas do Exército francês foram elevadas, mas pouco mais do que as alemãs.

O general (mais tarde marechal) Philippe Pétain poupou as suas forças e apenas tinha as mesmas durante duas ou três semanas da linha da frente, após o qual eram substituídas. Ainda assim, ele conseguiu manter, de forma constante, cerca de 11 divisões francesas – mais de 100 000 homens – no campo-de-batalha de Verdun. Devido ao sistema rotativo de Pétain, 70% do Exército francês passaram pela dureza de Verdun, enquanto do lado alemão esse número foi de apenas 25%. O general Pétain era um apoiante da utilização do fogo de

artilharia. A sua frase "o fogo mata", era à base da sua estratégia em Verdun. Em Junho de 1916, a artilharia francesa tinha aumentado para 2 708 peças, incluindo 1 138 de 75 mm.

Figura 10 - Histórias da 1ª Guerra Mundial - Verdun



Fonte: Reino de Clio blogs (2017)

Segundo Samuel (2015), as baixas militares francesas em Verdun, em 1916, eram oficialmente de 377 231, incluindo 162 308 mortos ou desaparecidos. O total de vítimas alemãs, entre Fevereiro e Dezembro de 1916, estava registado em 337 000, com cerca de 100 000 mortos ou desaparecidos. Estimativas mais recentes aumentam o total de baixas para 542 000 do lado francês, e 434 000 do alemão. De acordo com estatísticas, 70% das baixas em Verdun, de ambos os lados, resultaram do fogo de artilharia. O total de projéteis lançados pela artilharia francesa, entre 21 de Fevereiro e 30 de Setembro, foi de 23,5 milhões. A maioria deles, 16 milhões, foram disparados das baterias do canhão francês 75 (cerca de 1000 armas, 250 baterias). Fontes alemãs registam que a sua própria artilharia, majoritariamente pesada e superpesada, lançaram mais de 21 milhões de projéteis entre Fevereiro e Setembro de 1916.

Fotografias da época e visitantes atuais do campo de batalha de Verdun atestam o elevado número de crateras de bombas, que em muitas vezes se sobrepõem, em cerca de 100 km². Florestas plantadas nos anos 1930 escondem os campos destruídos da "Zone Rouge" (a Zona Vermelha) onde tantos homens perderam a vida ou ficaram gravemente feridos. No terreno de Verdun estarão enterrados mais de 100 000 soldados desaparecidos. Ainda hoje, o

Serviço de Florestas Francês descobre restos de ossadas que os entrega ao Ossário de Douaumont.

Michael J. Lyons. Prentice escreveu em *World War I: A Short History* (2000) a Batalha de Verdun ficou marcada pelo horror das suas condições de vida. A elevada concentração de combates numa área relativamente pequena destruía o terreno resultando em condições de vida terríveis para ambos os lados do conflito. A chuva e a constante destruição dos campos transformou o barro numa área cheia de lama cheia de cadáveres e pedaços de corpos. Em algumas zonas, viam-se mais corpos e ossos no terreno do que a própria terra ou vegetação.

"As crateras provocadas pelas bombas ficavam cheias de lodo líquido, e eram tão escorregadias que se alguém lá caísse, ou lá se resguardasse, podia morrer afogado. As florestas ficaram reduzidas a pilhas de madeira devido aos constantes bombardeamentos e, em alguns casos, chegaram mesmo a desaparecer."

(*World War I: A Short History*. Michael J. Lyons. Prentice Hall. Second edition, 2000).

Segundo Lyons (2000), o efeito nos soldados em batalha era devastador. Muitos soldados não chegaram a ver o inimigo, a não ser os seus projéteis de artilharia. Muitos homens comparavam a sua experiência a ser condenados ao Inferno. O impacto foi pior nas tropas francesas. Sob o comando de Pétain, os soldados eram constantemente substituídos em Verdun; esta abordagem humana assegurava que os soldados não passavam períodos muito prolongados na batalha, mas, por outro lado, permitia que grande parte do exército francês passasse pelo menos algum tempo em Verdun.

Segundo o site Defesa, diante do caos notadamente excessivo, ultrapassando as barreiras da violência que de fato seria necessária para cumprir os objetivos da guerra, na presença de normas ainda pouco elaboradas que protegessem as vítimas da guerra, houve a necessidade de criação, como parte integrante do direito internacional da guerra, do direito internacional humanitário.

Sobre este assunto o Manual do DICA define que a finalidade do DICA consiste em limitar e aliviar, tanto quanto possível, as calamidades da guerra, mediante a conciliação das necessidades militares, impostas pela situação tática e o cumprimento da missão, com as exigências impostas por princípios de caráter humanitário.

2.3.2 Análise dos princípios básicos do DICA contextualizado na Batalha de Verdun

Para o cumprimento dessa finalidade, é fundamental a observância da filosofia dos princípios básicos, que norteiam a aplicação desse ramo do Direito. São princípios básicos do DICA:

- Distinção;
- Limitação;
- Proporcionalidade;
- Necessidade Militar; e
- Humanidade.

Neste intuito, portanto, as forças militares devem se guiar-se nos conflitos armados pela Cláusula Martens, a qual norteia os direitos humanitários, além dos **princípios da limitação, da humanidade, da proporcionalidade, da necessidade militar e da distinção**.

O princípio da limitação que fundamenta ao Direito de Haia, relaciona-se com a Cláusula Martens, impondo que haja limites aos meios e métodos utilizados para atacar a força adversa, e que as pessoas fora de combate e sob o poder do inimigo devem ser respeitadas. Analisando este princípio do DICA na Batalha de Verdun; no confronto, se enfrentaram os exércitos francês e alemão em colinas próximas a Verdun, cidade na região nordeste da França. Durante o período, morreram pelo menos 250 mil pessoas, somadas a mais meio milhão de feridos. Os números constam para os dois lados da guerra.

A fim de elucidar o fim a que se destina a criação do direito internacional humanitário a promotora Najla N. Palma enfatiza a necessidade de se “limitar a violência aos níveis estritamente necessários para que se atinja o objetivo da batalha”, e acrescenta que para vencer a guerra não é necessário matar todo o exército inimigo, atacar os civis, destruir o país inimigo e as infraestruturas civis, mas basta obrigar os soldados inimigos a se renderem, atacar somente combatentes, ocupar o território inimigo, e atingir a infraestrutura que auxilia o esforço militar inimigo.

Porém o que se viu em Verdun, foram as altas baixas que deveu-se, principalmente, aos equipamentos utilizados pelos exércitos ao longo do conflito. Foram usadas principalmente armas como lança-chamas e gás venenoso, responsáveis pela morte dos europeus envolvidos. Acredita-se que essa estratégia tenha sido uma “amostra” do que aconteceria nos próximos meses — e anos.

Figura 11 - Ossário de Douaumont, Batalha de Verdun, a Primeira Guerra Mundial



Fonte: istockphoto (2015)

Os alemães conseguiram causar mais perdas do lado francês porque ultrapassavam o número de soldados dos oponentes. Utilizando sua artilharia pesada, deixaram um rastro de destruição na região francesa, o que foi denominado pelo escritor alemão Ernst Junger como **"tempestade de aço."**

Swirnarski, por sua vez, traz a concepção de que há, dentro do direito humanitário, duas normas: uma que busca regular e limitar a escolha dos meios e métodos usados na guerra, e a outra que protege as vítimas dos conflitos armados, e aqueles que encontram-se fora de combate. A existência destas normas, entretanto, não encerra o uso da força por nenhuma das partes, mas sim previne a ocorrência da violência e do caos excessivo.

O princípio da humanidade, no qual se fundamenta o Direito de Genebra, prevê que não é permitido causar sofrimento às pessoas fora de combate, incluindo civis, e às propriedades, se estes atos não estiverem alinhados com a necessidade militar, buscando fazer o inimigo se render e satisfazer os objetivos da guerra. É tolerado, porém, que eventualmente haja vítimas civis.

Segundo o manual do DICA (2011), as inovações tecnológicas e a complexidade dos conflitos armados contemporâneos, associadas às exigências da comunidade internacional de limitar o desenvolvimento dos meios de destruição, têm contribuído para aproximar as duas vertentes do DICA – o Direito de Haia e o Direito de Genebra. O primeiro, no que se refere à proibição e limitação do uso de determinados métodos e meios de combate nas hostilidades e o segundo, como sistema para salvaguardar e proteger as vítimas de situações de conflitos armados.

"A vinculação do DICA às novas propostas de instrumentos, que têm caráter de complementaridade na limitação dos meios e proteção da pessoa humana, e a contribuição da ONU aos últimos instrumentos de limitação de uso das armas, justificam uma nova corrente denominada Direito de Nova York ou Direito Misto, por contemplar aspectos das vertentes clássicas de Haia e de Genebra."

(Manual de Emprego do Direito Internacional dos conflitos Armados - DICA nas Forças Armadas, 1ª ed. MD, 2011, p.16).

Segundo a revista Super Interessante (2016): "Na Primeira Guerra, mais de 91 mil soldados foram mortos por gases venenosos e outras armas químicas. Esses produtos podiam ser lançados por projéteis da artilharia ou por granadas carregadas pelos soldados. Eram usadas substâncias como o gás de cloro, que provocava asfixia nas vítimas".

A guerra de trincheiras deixou uma geração de soldados mutilados e viúvas de guerra. A carnificina sem precedentes teve um longo efeito na atitude das populações civis em relação aos conflitos armados, resultando, no futuro, na relutância por parte dos Aliados em exercer uma política agressiva com relação a Adolf Hitler (sendo ele um veterano condecorado da guerra). As repercussões desse conflito ainda podem ser sentidas até hoje.

Portanto, este princípio básico do DICA não fora cumprido na Batalha de Verdun.

O princípio da necessidade militar relativiza o direito internacional humanitário quando uma ação se mostra essencial para que se atinja o objetivo final da guerra. Por esta razão, deve ser empregado com o máximo cuidado, só sendo aplicado quando diante da necessidade de sobrevivência do Estado. As necessidades militares não justificam condutas desumanas, tampouco atividades que sejam proibidas pelo DICA.

Esse princípio básico do DICA não foi cumprido em Verdun. Voltaire Schilling (2018) escreveu: "No dia 6 de março de 1916, os alemães retomaram o ímpeto ofensivo, conseguindo ocupar, até o meio de abril, mais quatro fortes (Harcourt, Malancourt, Thiaumont e Vaux). A esta altura Verdun transformara-se numa "guerra pela guerra" porque os objetivos originais de fazer sangrar o exército francês "até a última gota de sangue", como dissera von Falkenhayn, tinham sido totalmente desvirtuados."

Segue o escritor Voltaire Schilling (2018), outros elementos, psicológicos, motivados pelo ódio patriótico e pelo recalque de antigas quizilas franco-germânicas, entraram em ação. Sem metas estratégicas definidas, a batalha de Verdun virou um cabo-de-força entre alemães e franceses, uma disputa irracional que abateu inutilmente milhares de soldados. Num confronto onde a artilharia foi à rainha das armas, a tragédia de Verdun ficou conhecida como a que produziu o maior número de vítimas por metro quadrado do que qualquer outra batalha da história. Por isso os alemães chamaram-na de Fleischwolf, o moedor de carnes. Calcula-se que foram jogados sobre os estreitos campos de Verdun 43 milhões de petardos, e que somente contra os fortins os alemães lançaram de uma vez só 110 mil granadas de gás venenoso.

Com o advento da poderosa indústria química no século 19, foi inevitável que a Guerra de 1914-18 usasse o gás venenoso como uma arma de combate. Depois de duas experiências de poucos resultados, feitas no fronte ocidental ainda em 1915, o exército alemão, seguido dos franceses e ingleses, fizeram largo uso do gás de cloro e de mostarda a partir de 1916. Assim, os soldados conheceram mais um abominável instrumento de morte. O pavor dos atingidos foi total. Desde então, nada provocou no homem moderno tamanha fobia do que vir a morrer inalando gás venenoso.

O Manual do DICA prescreve "Para exemplificar, pode-se comparar os instrumentos relativos aos gases asfixiantes, como o Protocolo de Genebra de 1925, sobre a proibição do uso na guerra de gases asfixiantes, tóxicos ou similares e de meios bacteriológicos, e a Convenção de 1972 sobre a proibição do desenvolvimento, produção e estocagem de armas bacteriológicas (biológicas) e tóxicas e sobre a sua destruição. No primeiro instrumento, contempla-se o uso, mas não se proíbe o manejo, enquanto o segundo proíbe formalmente a existência. No que se refere às armas, verifica-se a tendência em limitar, controlar e determinar a produção, a estocagem, o deslocamento e destruição das armas."

Segundo o artigo intitulado 100 anos Primeira Guerra Mundial, relata como fora usado em Verdun gases tóxicos e asfixiantes: "A calma só foi quebrada por uma brisa que soprava de leste e por uma fumaça estranha, esverdeada, opaca e espessa proveniente das trincheiras alemãs, que ia do solo a 10 metros de altura e se dirigia às posições francesas. A nuvem avançava em nossa direção, empurrada pelo vento. Começamos a nos retirar, perseguidos pela fumaça", relatou em seus registros militares o tenente Jules-Henri Guntzberger. Nesse momento de pânico crescente, Guntzberger viu seus homens caírem um a um. Alguns se levantavam, retomavam a marcha de recuo e caíam de novo, cada vez mais desesperados para

chegar à segunda linha de trincheiras. “Uma vez lá, os soldados desabavam e não paravam de tossir e vomitar.”

O desespero e a incompreensão tomaram conta das hostes francesas. Às 17h20, na sede de comando de Elverdinghe, o coronel Henri Mordacq recebeu um telefonema do front. O relato era assustador: uma nuvem tóxica estava sufocando soldados e oficiais, que partiam em retirada, abandonando o front. Correndo em direção à posição atingida, Mordacq cruzou com combatentes que se diziam envenenados. “Por todo lado, havia pessoas fugindo, correndo como loucas, sem direção, gritando por água, cuspiendo sangue, alguns atirando-se ao chão e fazendo esforços desesperados para respirar”, descreveu o coronel, em seus registros. Estima-se que 5 mil soldados franceses morreram sem que nenhum disparo de arma de fogo tivesse sido feito, a maior parte asfixiados e afogados nas secreções dos próprios brônquios. Outros 15 mil foram intoxicados, com diferentes graus de sequelas, envenenados e sofrendo hemorragias internas e externas e destruição dos tecidos pulmonares. Eles haviam sido as vítimas do primeiro ataque de grande amplitude de uma nova tecnologia criada para a 1.^a Guerra Mundial: as armas químicas.

Mas o impacto psicológico das armas de destruição em massa foi destruidor entre militares e também entre civis. Anos depois do fim da guerra, pais de família que haviam sobrevivido aos conflitos padeciam de sequelas, que encurtavam suas vidas, às vezes por casos severos de asma, em outros por incidência de câncer de esôfago.

O princípio da proporcionalidade refere-se à busca pelo equilíbrio entre a vantagem que se deseja obter, e o dano a ser causado para atingir este fim. Isto é, os meios e os métodos selecionados para se atingir o objetivo devem ser os que permitam causar o menor perigo ou dano possível às pessoas civis ou aos bens de caráter civil. Nenhum alvo, mesmo que militar, deve ser atacado se os prejuízos e sofrimento forem maiores que os ganhos militares que se espera da ação.

Combates memoráveis foram travados na Colina 304 e no tétrico monte Le Mort-Homme, o sinistro Morte-do-Homem, onde os rivais enfrentaram-se às baionetadas e lutas de mão. Apenas vinte dias depois do primeiro assalto alemão - dilacerados pela artilharia e pelas metralhadoras - as baixas chegaram ao espantoso número de 89 mil franceses e 82 mil alemães mortos, feridos ou desaparecidos. Algo como 8.550 homens perdidos por dia! Foi então que Verdun virou um grande atoleiro com milhares de cadáveres insepultos – o Inferno de Verdun, como os soldados passaram a dizer.

Assim escreveu em uma carta um soldado da 65.^a Divisão de Infantaria francesa: “Quando a gente chega, os obuses chovem em toda parte e a cada passo. Apesar de tudo, é

necessário avançar. A gente deve se contorcer para não passar sobre um morto coberto no fundo da trincheira. Mais longe, vários feridos recebem curativos, outros são levados em macas para retaguarda. Uns gritam, outros gemem. Veem-se os que não têm mais pernas; outros estão sem a cabeça e permanecem várias semanas no chão”.

Voltaire Schilling (2018): "O horror sem tréguas sofrido pelos soldados no matadouro de Verdun foi indescritível. Milhares de homens, os melhores exemplares de duas das mais civilizadas e cultas sociedades até então conhecidas, foram reduzidos durante meses a fio, em meio à chuva, à lama, à neve, ao gelo e depois ao sol, a uma vida subumana. Como se fossem trogloditas, vergando os corpos como caramujos, passaram intermináveis horas e dias dentro de buracos e de túneis, de fossos e de cavernas, todas elas imundas, fétidas, invadidas por um repulsivo mau cheiro, assustados pelo silvo dos morteiros e pelo atordoante impacto das bombas e estilhaços que, como chuva pesada não parava de cair sobre eles. Enlouquecidos pelo troar incessante das canhonadas, ainda assistiam diariamente os estragos que as metralhas e os lança-chamas faziam sobre os corpos mutilados dos seus camaradas. Os bombardeios enterravam e desenterravam os cadáveres. Os miasmas e odores nauseabundos exalados por todos os lados eram tamanhos que os soldados que frequentavam as latrinas do Forte Vaux usavam máscaras antigazes. Um número considerável de cartas enviadas pelos combatentes à retaguarda, para os seus familiares, amigos ou amadas, compuseram o que pode-se designar como a “ literatura de Verdun”, coletada por pesquisadores e historiadores da correspondência vinda das trincheiras."

O princípio da distinção deriva do princípio da limitação, porém concentra-se na separação dos bens e população civis, dos combatentes e objetivos militares. Esta distinção importa uma vez que somente os objetivos militares e combatentes podem ser alvejados. Assim, este princípio proíbe ataques e represálias direcionados a civis ou bens civis, ou que causem danos colaterais aos mesmos.

Segundo France's Odest (2008), nenhuma outra guerra mudou o mapa da Europa de forma tão dramática. Quatro impérios desapareceram após o fim do conflito: o Alemão, o Austro-Húngaro, o Otomano e o Russo. Quatro dinastias, juntamente com as aristocracias que as apoiavam, caíram após a guerra: os Hohenzollern, os Habsburgos, os Romanov e os Otomanos. Países como a Bélgica e a Sérvia passaram por destruições severas, assim como a França, que perdeu 1,4 milhão de soldados, sem contar as vítimas civis. A Alemanha e Rússia foram igualmente afetadas."

Spencer Tucker (2005), a guerra teve consequências econômicas profundas. Dos sessenta milhões de soldados europeus que foram mobilizados entre os anos de 1914 e 1918,

oito milhões foram mortos, sete milhões foram incapacitados de maneira permanente e quinze milhões ficaram gravemente feridos. Morreram 6 milhões de civis durante a guerra.

Boris Uralis (1971), a Alemanha perdeu 15,1% de sua população masculina ativa, a Áustria-Hungria perdeu 17,1% e a França perdeu 10,5%.

N.P. Howard (1993), na Alemanha, as mortes de civis foram 474 mil superiores do que em tempo de paz, em grande parte devido à escassez de alimentos e desnutrição que enfraqueceu a resistência às doenças. “As cláusulas da rendição do Império Alemão também impuseram um acréscimo na dívida do país como indenização de guerra”.

Todman (2005), “o trauma social causado por taxas sem precedentes de vítimas manifestou-se de maneiras diferentes, que foram objeto de um debate histórico.”

Roden (2009), otimismo da belle époque foi destruído e aqueles que lutaram na guerra foram referidos como a "Geração Perdida". Wohl (1979) Durante anos depois, as pessoas lamentavam os mortos, os desaparecidos e os muitos deficientes causados pelo conflito.

Muitos soldados voltaram com traumas graves, sofrendo de fadiga de combate (também chamado de neurastenia, uma condição relacionada ao transtorno de estresse pós-traumático).

Tucker & Roberts (2005), muitos mais voltaram para casa com poucos pós-efeitos; no entanto, seu silêncio sobre a guerra contribuiu para o crescente estatuto mitológico do conflito. Embora muitos participantes não tenham compartilhado as mesmas experiências de combate, não tenham passado algum tempo significativo na frente de batalha ou tiveram memórias positivas de seu serviço militar, as imagens de sofrimento e trauma tornaram-se a percepção amplamente compartilhada. Historiadores como Dan Todman, Paul Fussell e Samuel Heyns têm todos publicados trabalhos desde a década de 1990 argumentando que essas percepções comuns da guerra são factualmente incorretas.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Foi realizada uma coleta documental e bibliográfica a fim de compilar dados referentes à Batalha de Verdun, ocorrida entre 21 de fevereiro de 1916 e 19 de dezembro de 1916, tendo em vista os principais aspectos legais e reguladores do Direito Internacional dos Conflitos Armados.

3.2 MÉTODOS

3.2.1 Coleta bibliográfica e histórica

Foi realizada a análise de obras que abordem a Batalha de Verdun, buscando levantar informações sobre as táticas e armamentos usados durante este conflito.

Foi verificado se houve violações do acordo estabelecido na Convenção de Genebra de 1864 e se teriam outras violações caso as condições do acordo fossem as vigentes na atualidade.

Não houve prejuízo à pesquisa pelo fato do conflito ter ocorrido no começo do século XX, pois existem vastas fontes bibliográficas que foram conservadas e atualizadas, mesmo após a Europa ter sido palco da Segunda Guerra Mundial.

3.2.2 Coleta documental

Foram analisados o Direito de Genebra, o Direito de Haia e o Direito de Nova York e demais legislações do DICA a fim de levantar os principais aspectos legais e reguladores para que possamos analisar a Batalha de Verdun com a ótica do DICA.

Foram utilizados livros e artigos que abordem a natureza das ações militares e dos cuidados com os feridos e civis na região do conflito. Foram verificadas violações do DICA ocorridas na batalha.

4 CONCLUSÃO

4.1 A IMPORTÂNCIA DO DICA PARA OS CONFLITOS ATUAIS

Goussinsky, (2018), escreveu sobre o mais longo, e possivelmente o mais decisivo, combate da Primeira Guerra Mundial a Batalha de Verdun, que durou de 21 de fevereiro a 18 de dezembro de 1916. Em uma série de disputas inicialmente vencidas pela Alemanha, a França terminou vitoriosa em seu próprio território, nesta batalha na cidade de Verdun-sur-Meuse (noroeste francês), que causou a morte de cerca de 700 mil pessoas.

Wagener (2016), escreveu que além dos números astronômicos de suas vítimas, a Batalha de Verdun permaneceu na memória mundial também por motivos estratégico-militares, como um cínico exemplo de uma estratégia desumana.

Como analisou o historiador militar German Werth: "Ao contrário da 'batalha de movimento' no Rio Marne, a batalha no Mosa foi marcada por falta de imaginação e monotonia, fazendo dela um símbolo perfeito para a estupidez assassina de quatro anos de uma guerra de posições.”.

Diante do caos notadamente excessivo, ultrapassando as barreiras da violência que de fato seria necessária para cumprir os objetivos da guerra, na presença de normas. Porém, desde a antiguidade, mesmo antes do Direito da Guerra ser codificado, já existiam regras sobre os métodos e os meios para a condução das hostilidades, e também algumas normas atinentes à proteção de certas categorias de vítimas dos conflitos armados, estabelecidos a partir de práticas surgidas nos combates e legitimadas pelo uso e costumes, e que foram convertidas em normas consuetudinárias relativas à condução da guerra.

Ao longo da História da humanidade, convém ressaltar, houve a celebração de tratados de paz, acordos internacionais de capitulação, rendições e tratados de armistício. Quando, porém, se procurou disciplinar a proteção das vítimas de conflitos armados, surgiu à primeira codificação internacional a estabelecer normas que protegeriam os feridos e doentes nos campos de batalha (Convenção de Genebra, em 1864).

A partir da obra de Henry Dunant, intitulada “Lembranças de Solferino” (1862), firmou-se a convicção de que a guerra só permite, no tocante ao ser humano, comportamentos compatíveis com a própria dignidade, especialmente quando ele já não tem participação ativa nos conflitos, ou seja, quando não é considerado combatente.

Swinarski (2016), desta vez, destaca as dificuldades de se estabelecer um consenso na comunidade internacional sobre quando há agressão, e de se identificar o agressor. Isso se deve, sobretudo à complexidade dos conflitos modernos, nos quais há o envolvimento de atores estatais e não-estatais, as ameaças são difusas, o conflito se dá em ambiente urbano, entre outros fatores complicadores, dificultando o cumprimento desta norma.

Diante do exposto, pode-se concluir que pouco restou do direito da guerra, uma vez que o uso desta tornou-se ilícito, sendo tolerada somente como manifestação da responsabilidade de proteger a comunidade internacional, como manifestação do direito de autodeterminação de um povo ameaçado, e como recurso de defesa de um Estado agredido. O que restou do direito da guerra, e encontra-se em vigência, concentra-se no Direito de Genebra e no Direito de Haia, e agora busca tornar o ilícito mais humano, menos prejudicial, protegendo pessoas e bens que são vítimas da guerra.

REFERÊNCIAS

- . In: CANÇADO, Trindade. **Prefácio à: Introdução ao Direito Internacional Humanitário de Christopher Swinarski**. Brasília: CICV, Instituto Interamericano de Direitos Humanos, 1996.
- . In: FISCHER, Fritz. **War of Illusions: German Police From 1911 to 1914**. Tradução Marian Jackson. Nova York: W.W. Norton, v. viii-ix, 1975. (W.W Norton & Co. Inc. e Chato & Windus Ltd. Uso de permissão da W.W. Norton & Co.).
- . In: HORNE, Alistair. **The Price of Glory: Verdun 1916**. Harmonds Worth: Peguin Books, 1964. 236 p.
- . In: LAFORE, Laurence. **The Long Fuse: an interpretation of the origins of world war I**. 2. ed. Filadélfia, PA: Lippincott, 1971, p. 267 - 68.
- . In: LYONS, Michael J. **World War I: A Short History**. 2. ed. Prentice Hall, 2000.
- . In: MINISTÉRIO DA DEFESA. **Manual de Emprego do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA): nas Forças Armadas**. 1. ed. Brasília, DF, 2011. 13 p.
- . In: SONDHANUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial: História Completa**. Tradução Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2013. Tradução de: World War One.
- . In: SPENCER, Tucker. **Enciclopédia of World War**. 2005. 273 p.
- . In: URBANIS, Boris. **Wars Population**. Moscou, 1971.
- ALTMAN, Max. **Batalha de Verdun foi a mais longa e uma das mais sangrentas da Primeira Guerra Mundial. Ópera Mundi**. 2015. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/>. Acesso em: 11 Abr. 2020.
- BEZERRA, Juliana. **Primeira Guerra Mundial. Todamateria**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/>. Acesso em: 1 Mai. 2020.
- DIREITO Internacional: A ONU e o Direito Internacional. **ONU Brasil**. Nações Unidas Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/direito-internacional/>. Acesso em: 21 Abr. 2020.
- DW MADE FOR MINDS. **Primeira guerra mundial: Batalha de Verdun. DW. Noticias**. 2016. Disponível em: DW.com. Acesso em: 17 Abr. 2020.
- ESTADO DE MINAS INTERNACIONAL. **Tanques, aviões e gases, as inovações da Primeira Guerra Mundial. Estado de Minas**. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://www.em.com.br/>. Acesso em: 7 Abr. 2020.

FERNANDES, Cláudio. **USO DE GASES TÓXICOS NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL. Guerras Brasil Escola**. 2018. Disponível em: <https://guerras.brasilecola.uol.com.br/>. Acesso em: 25 Abr. 2020.

GHIROTTI, Edoardo . As armas que ceifaram uma geração na I Guerra Mundial. **Veja**, São Paulo, 15 fev 2014.

N. P., Howard. The Social and Political: Consequences of The Allied Food Blockaal of Germany. **German History**, 1993.

PACHECO SIMÕES, Luíz Henrique. A BATALHA DE VERDUN: POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS E ENSINAMENTOS PARA PORTUGAL. **Revista Militar**, n. 6, p. 337, jun. 1916.

ROESLER, Rafael - Cel Eng et al. **Iniciação à Pesquisa Científica**: Academia Militar das Agulhas Negras. 2. ed. Resende: Acadêmica, 2019. 187 p.

SWI. **Tanques, aviões e gases**: as inovações da Primeira Guerra Mundial. **SWI**. Suíça, 2014. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/>. Acesso em: 2 Abr. 2020.

SÓ HISTÓRIA. **A Primeira Guerra Mundial (1914-1918)**. **SóHistória**. 2009. Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/>. Acesso em: 23 Abr. 2020.

UOL. **USO DE GASES TÓXICOS NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL. Guerras Brasil Escola**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://guerras.brasilecola.uol.com.br/>. Acesso em: 29 Mar. 2020.